

Um ano de altos e baixos

■ Ele foi ciclotímico: a maior inflação da história e o pequeno desemprego; o PIB negativo e o maior saldo comercial de todos os tempos

Miriam Leitão

Aos depressivos e aos eufóricos, o ano de 1988 dará razão. Foi o ano da pior aceleração inflacionária da história do país e foi também o ano em que o país só foi superado pela Alemanha e Japão em saldo comercial. Foi o ano em que o Brasil acertou sua vida com o mercado financeiro internacional e também o ano em que entregou aos seus credores US\$ 17 bilhões de juros por uma dívida que no mercado secundário vale menos da metade. Foi uma das menores taxas de desemprego mas o PIB fechou o ano com taxas negativas. O brasileiro ficou mais pobre.

O PIB per capita caiu de US\$ 2.298 para US\$ 2.230. Mas algumas empresas chegaram ao fim de 88 comemorando um ano de muitos lucros. "As empresas ganharam rios de dinheiro" disse Laerte Setúbal, da Duratex. Realmente, o nível de rentabilidade foi de 11% sobre o patrimônio, o que equivale a dizer que se os empresários tivessem aplicado todo o dinheiro em caderneta de poupança, teriam ganho a metade do que ganharam produzindo bens no país das catástrofes anunciadas.

Mas a mais dramática mudança na economia brasileira, em 88, não está nos números, nos gráficos ou nos balanços das empresas. O ano viu o fim irreversível da era Delfim na economia, no que tem o ex-ministro da Fazenda, de símbolo de um czarismo que dominou os agentes econômicos brasileiros por quase três décadas. E era tão forte este estilo de comandar a economia, tão viciado o setor privado das concessões oficiais, que o czarismo delfinista sobreviveu até a velha República. Os ministros que se sucederam podem ter tomado decisões que Delfim jamais tomaria mas o fizeram usando a mesma estrutura autoritária de poder. O controle de preços foi feito por Dilon Funaro com o mesmo Conselho Interministerial de Preços. As reuniões do Conselho Monetário Nacional eram igualmente precedidas de um clima de incerteza e insegurança no mercado financeiro. As decisões mais dramáticas da economia foram tomadas repetidamente por decreto-lei. Em termos de usos e costumes, a velha e a nova República se misturaram tanto, que um historiador terá dificuldades de encontrar limite entre um e outro período da vida do país.

Mailson marca o início de uma nova era. Não por mérito do governo, mas por suas falhas. Mergulhado numa crise interminável, o Estado, no Brasil, este ano, não foi boa companhia. Longe dele, empresas comemoraram sucessos. Não uma empreiteira de obras públicas, mas sim a Santista, uma indústria têxtil que nada deve ao governo, foi a empresa do ano. Paulo Malzone, um empresário que deve seu sucesso à sua própria ousadia, dobrou seus ativos, enquanto o Estado não tinha como pagar seus funcionários. José Mindlin, um empresário campeão em investimentos em pesquisa e desenvolvimento, conseguiu o feito de abrir em Ann Arbor, no Estado de Michigan, um centro de pesquisas avançadas.

O Estado, no Brasil, pareceu uma vitrola quebrada. Durante todo o ano anunciou repetidamente as mesmas providências que não conseguiu tomar. Fez planos de corte de déficit público, anunciou várias vezes o fim dos subsídios, a privatização de empresas estatais e da comercialização do açúcar e do trigo. Fez até um melancólico projeto de diminuição de pessoal. Em 30 de março, no mesmo tom retumbante de sempre, o governo anunciou

A corrosão do cruzado



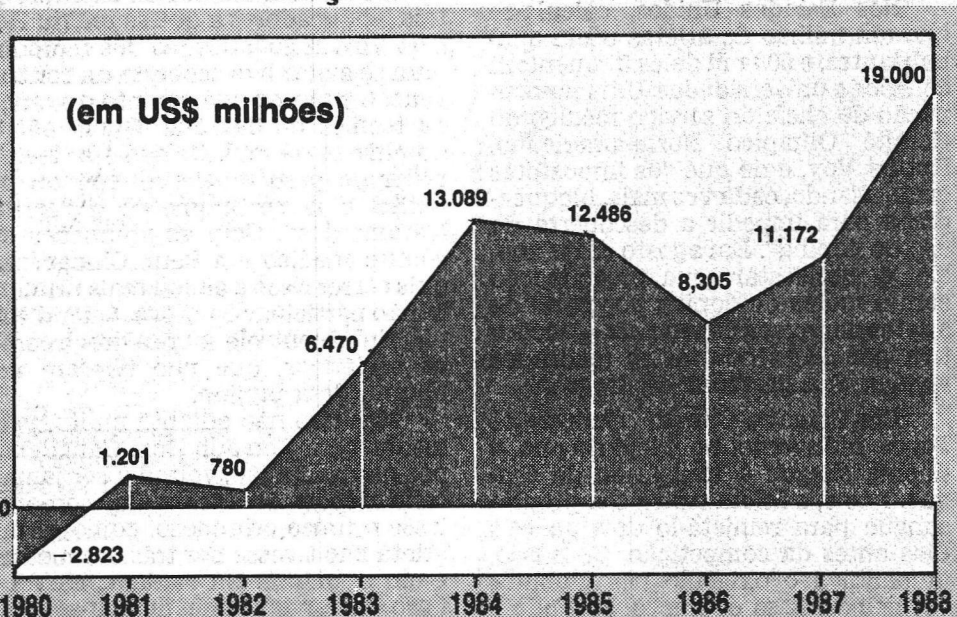
(*) estimando uma inflação de 28% para dezembro.



Mailson: o seu "feijão com arroz" simbolizou o fim da era Delfim na economia, um czarismo que dominou os agentes econômicos brasileiros por quase três décadas. Este ano, as empresas privadas comemoraram sucessos, enquanto o Estado mergulhava numa crise interminável

Getúlio Vilanova

Saldos da balança comercial brasileira



um programa de demissão voluntária de pessoal. Daria seis meses de salário e um salário a mais, por ano de serviço, para quem aceitasse se desligar do mamífero corpo de funcionários do setor público. E ninguém foi embora. E com razão.

Mesmo falido, o governo continuou, contraditoriamente, sendo o mais generoso dos patrões. Na última reunião do Conselho Monetário Nacional, esta semana, o ministro Mailson da Nóbrega mostrou que os salários do setor privado, durante o ano, ficaram mais ou menos no mesmo nível do ano passado e os do setor público financeiro, leia-se Banco do Brasil e Banco do Nordeste, chegaram a subir à estonteante taxa real de 100% no ano. A questão de quanto pagar aos seus funcionários consumiu parte das energias do governo. No mais notório enfrentamento com o Banco do Brasil, o ministro da Fazenda demitiu o aparentemente inamovível presidente do Banco, seu ex-chefe, Camilo Calazans. E, durante exatos 50 dias, o governo discutiu se congelava ou não a URP dos funcionários.

O que a falência do Estado não roubou de poderes do ministro da Fazenda, a Constituição levou. Aos trancos e barrancos, o país institucionalizou, neste ano, a democratização das decisões de política econômica. Depois de um ano em que o país viu a mais tumultuada das políticas monetárias, com taxas de juros reais recordes, seguidas de taxas negativas, o Senado estreou seus novos poderes aprovando o nome de Carlos Thadeu para conduzir a dívida pública brasileira. Só que entre a indicação do nome e sua aprovação passaram-se 53 longos dias de interinidade na mesa de open do Banco Central.

O confuso debate do orçamento mostra que as novas atribuições do Legislativo não necessariamente foram usadas de forma sensata. Mesmo numa hora de necessidade de aperto geral dos cintos, os deputados e senadores pouparam os estados do pagamento de US\$ 2 bilhões da dívida externa. Decidiram que, ao invés de ter um orçamento em moedas fixas, e portanto compreensível numa inflação desordenada, o melhor era ter o arcaico modelo de projetar uma inflação de 10% ao mês. Mais importante, porém, que os méritos técnicos desse primeiro orçamento feito a várias mãos, é a maneira como ele foi concebido. Pela primeira vez se discutiu dentro de um parlamento onde colocar o dinheiro dos pagadores de impostos do Brasil.

Durante todo o ano um fantasma rondou a economia. Nunca se falou tanto na palavra hiperinflação. E não por simples paranóia. Há três décadas a inflação era de 7% ao ano. Preciso de 17 anos para chegar a 100%. Dois anos depois estava no patamar dos 200%, onde ficou até o Cruzado. No ano passado o índice teve o mesmo número de dias do ano: 365%. E em 1988 bateu em impressionantes 928%, comprovando os alertas dos economistas de que quanto maior a inflação mais velocidade ela ganha. E aí reside o risco da hiperinflação. Foi tal a desordem provocada por esta avalanche de alteração de preços que as empresas passaram a fazer suas contas em OTN ou dólar, as donas de casas não conseguiram manter o mínimo de organização em sua contabilidade doméstica e o cruzado, com distúrbios geriátricos aos três anos de idade, começou a ser recusado até por crianças. Coube à menina Cecília Peçanha, 8 anos, a frase que resumiu o sentimento de frustração dos brasileiros em relação à moeda nacional: "O dólar é mais legal que o cruzado". Se alguém confiou na lealdade da moeda nacional e guardou debaixo do colchão Cz\$ 10.000,00, no começo do ano, vai encontrá-los, no próximo reveillon, valendo melan cólicos Cz\$ 927,44. Se alguém deixou de comprar um dólar em janeiro ao preço de Cz\$ 95,00 precisará desembolsar, neste fim de ano, Cz\$ 1.200,00 se quiser ter a mesma moeda de um dólar. A política do feijão com arroz, novo nome dado ao método gradualista de combater a inflação, levou o preço do feijão de Cz\$ 31,90 para Cz\$ 500,00 o quilo, e do arroz de Cz\$ 40,90 para Cz\$ 740,00. E no final do ano foi dada como morta pelo seu autor o ministro Mailson da Nóbrega.

A economia brasileira, que sobreviveu com saúde à falência do Estado, entra em 89 ameaçada pela inflação que o governo não consegue domar. O surpreendente vigor demonstrado pelo país, este ano, ao conjurar todas as profecias que davam 88 como um ano de inevitável desastre, pode não ser suficiente para fazer duas vezes a mesma mágica.

Comparação de preços (Em Cz\$)

Produtor	Preços de Janeiro	Preços de Dezembro
Feijão 1Kg	40,90	740,00
Arroz 1Kg	31,90	500,00
Farinha de trigo 1 Kg	32,90	360,00
Óleo de soja lata	85,00	490,00
Açúcar 1 Kg	37,00	300,00
Carne bov. 1ª 1Kg	187,00	2.340,00
Macarrão 1 Kg	66,20	570,00
Papel hig. 4 unid	57,90	780,00
Guardanapos (50 Unid)	8,70	172,00
Dólar paralelo	95,00	1.200,00

Destaque

■ O sucesso não é novidade para o empresário Olacyr de Moraes. Ele é quase uma lenda no país. Este ano, no entanto, ele conseguiu se superar. Decidiu segurar toda a sua produção de soja na certeza de que iam subir os preços internacionais. Eles subiram e 40% dos lucros do setor com as vendas de soja ficaram para Olacyr: gordos US\$ 60 milhões. Mas o empresário anda entusiasmado mesmo é com seu projeto de construir uma ferrovia ligando São Paulo a Curitiba: "vamos revolucionar a região" promete.



■ Constar como um dos destaques do ano, para o empresário José Mindlin, presidente da Metal Leve, empresa fabricante de autopeças, só não é enfeitado por um motivo: ele gosta de sucesso. Acostumado a investir 5% do seu faturamento em pesquisa, Mindlin este ano deu um salto mais alto: montou uma fábrica na Carolina do Norte para atender seus clientes americanos.

Ele já tem, em Michigan, um centro avançado de pesquisas a pleno vapor.

■ O empresário Paulo Malzoni acha que o certo é investir quando a economia está em crise mesmo. Enquanto outros empresários ficam dependentes do mercado financeiro, Malzoni tem investido e diversificado negócios. E aparentemente está no caminho certo: seu grupo, o Susa, vai faturar US\$ 600 milhões este ano. O grupo apresentou, em

1988, várias novidades, entre elas, as lojas Dillard's e o West Plaza Shopping que já vendeu 35% das 220 lojas mesmo antes de ficar pronto. Só o shopping é um investimento de US\$ 70 milhões.

■ O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo Rocha Azevedo, pode exibir este final de ano a vitória em um invejável campeonato: a Bovespa teve a maior rentabilidade entre todos os ativos. Ganhou a corrida do ouro, do dólar, do overnight e teve um crescimento de 1.962%, ou

121% descontada a inflação. Azevedo achou pouco e se lançou também na área política: conseguiu 43 mil associados para o seu Movimento Democrático Urbano, a UDR da cidade.

■ Este foi um dos melhores anos na vida do Bamerindus. Seu presidente, José Eduardo de Andrade Vieira, fez declarações que desagradaram os outros banqueiros, mas suas decisões tiveram que ser imitadas. A conta remunerada lançada pelo Bamerindus acabou sendo a coqueluche do ano no sistema bancário. O número de clientes com conta remunerada acabou chegando a um milhão e atraiu 600 mil novos clientes. "Foi o melhor desempenho entre os bancos privados" comemora José Eduardo.

